

Caren Jeß

TENTILHAO

BOOKPINK

Brasilianisches Portugiesisch von Christine Röhrig

Porto Alegre 2021

Alle Rechte vorbehalten, insbesondere das der Aufführung durch Berufs- und Laienbühnen, des öffentlichen Vortrags, der Verfilmung und Übertragung durch Rundfunk und Fernsehen. Das Recht der Aufführung ist rechtmäßig zu erwerben vom:

All rights whatsoever in this play are strictly reserved. No performance may be given unless a licence has been obtained. Application for performance etc., must be made before rehearsals begin, to:

Fischer Verlag. Theater & Medien

Hedderichstraße 114, 60596 Frankfurt a. M.

Tel. 069 – 6062-271, Fax: 069 – 6062-355

Email: theater@fischerverlage.de,

ulrike.betz@fischerverlage.de

Präsentiert für Lateinamerika durch :

Georg Tielmann
Künstleragentur El Dramaturgista
georg@eldramaturgista.com

skype: gtielmann

[Whatsapp: +52 1 55 5476 5097](https://wa.me/5215554765097)

Die Rechte an der Übersetzung liegen bei:

Christine Röhrig, christinerohrig@gmail.com

Förderung der Übersetzung durch: / *This Translation was sponsored by:*



Bookpink -- Tentilhão
Compêndio dramático

de Caren Jeß

tradução – Christine Röhrig
revisão – Angelika Köhnke

para E. C. C. JESS

© S. Fischer Verlag 2018

Todos os direitos reservados, especialmente para encenações tanto profissionais como amadoras.

Alle Rechte vorbehalten, insbesondere das der Aufführung durch Berufs- und Laienbühnen, des öffentlichen Vortrags, der Verfilmung und Übertragung durch Rundfunk, Fernsehen und andere audiovisuelle Medien, auch einzelner Abschnitte. Das Recht der Aufführung ist nur von der

S.Fischer Verlag GmbH THEATER & MEDIEN Leitung: Friederike Emmerling & Bettina Walther Hedderichstraße 114 60596 Frankfurt am Main Email: theater@fischerverlage.de

zu erwerben. Den Bühnen und Vereinen gegenüber als Manuscript gedruckt. Dieses Exemplar kann, wenn es nicht als Aufführungsmaterial erworben wird, nur kurzzeitig zur Ansicht entliehen werden.

Dieser Text / diese Übersetzung gilt bis zum Tage der Uraufführung / Deutschsprachigen Uraufführung nicht als veröffentlicht im Sinne des Urhebergesetzes. Es ist nicht gestattet, vor diesem Zeitpunkt das Werk oder einzelne Teile daraus zu beschreiben oder seinen Inhalt in sonstiger Weise öffentlich mitzuteilen oder sich mit ihm öffentlich auseinanderzusetzen. Der Verlag behält sich vor, gegen ungenehmigte Veröffentlichungen gerichtliche Maßnahmen einleiten zu lassen. JESS Bookpink Abdruck TB 2019 © S. Fischer Verlag

CENAS

- 1 PAVÃO ENCARDIDO
- 2 O FALCÃO NO CONCRETO DA RAZÃO
- 3 FLAMINGOS DANCE!
- 4 CHAPIM DO BREJO
- 5 A PERUA
- 6 COLHA O TENTILHÃO
- 7 A POMBA BRANCA

PERSONAGENS

NARRADOR(A)	(ITÁLICO)
PAVÃO ENCARDIDO/BORRADO	(O PROTAGONISTA)
PARDAL	(O ANTAGONISTA)
APOIO	(OBRIGADA!)
NARRADOR(A) 2	(ITÁLICO)
O FALCÃO	(OBJETO DE MUITAS PERGUNTAS)
ANDORINHA DO CELEIRO	(TIPO ANDORINHA)
FELOSA	(CANTORA DA FOLHAGEM) <i>Phylloscopus collybita</i>
COTOVIA DO CAMPO / PASTO	(TIPO COTOVIA)
NARRADOR(A) 3	(ITÁLICO)
MÃE	(ALTO)
CORVO	(FILHO DA MÃE)
FLAMINGO 1	(NA VITRINE)
FLAMINGO 2	(NA VITRINE)
NARRADOR(A) 4	(ITÁLICO)
CHAPIM COMUM	(♂)
CHAPIM AZUL	(♂)
CHAPIM DO PASTO	(♂)
CHAPIM DO BREJO	(†)
NARRADOR(A) 5	(ITÁLICO)
PERUA	(UMA PEQUENA ETERNIDADE)
GALINHA	(UMA AMIGA)
GALO	(UM AMIGO)
NARRADOR (A)	(ITÁLICO)
DISPOSIÇÃO DO DIA	(PROTAGONISTA)

ACESSO PAVIMENTADO (DOMICÍLIO HABITUAL , § 30 Abs. 3 S. 2SGB
I)
NARCISO (O QUE AGORA FLORI MAGNIFICAMENTE
LOGO DEVE SER PISOTEADO)

VEGETAÇÃO NOS VÃOS DO PAVIMENTO:
LACTUCA SERRIOLA ALFACE-SILVESTRE (ESCAROLA)
ERVA-DE-SÃO-ROBERTO (BICO DE CEGONHA FEDORENTA)
BRYUM ARGENTEUM (MUSGO DE FIO PRATEADO)
TRIFOLIUM REPENS (TREVO RASTEIRO)
TULIPA (NÃO PARTICIPA ATIVAMENTE DA
CONVERSA EM QUESTÃO; , CRESCE EM
OUTRO LUGAR)
TENTILHÃO (<https://www.deutsche-vogelstimmen.de/buchfink/>)
GATO (LEI DA NATUREZA OU ARBITRARIEDADE)
NARRADOR (A) (ITÁLICO)
POMBA BRANCA (PROTAGONISTA)

OBSERVAÇÃO

Não há um fio condutor entre as cenas individuais.

Não existe uma instância protagonista superior.

A sequência das cenas pode ser alterada.

Ocupações duplas e múltiplas são desejáveis. Quanto aos narradores (as), favor levar em conta que o seu texto pode ser tratado como texto secundário e/ou texto principal.

De qualquer forma, vale o seguinte: Vocês, personagens do teatro, apareçam em bandos

PREFÁCIO

“Escute, minha netinha, um pequeno tentilhão!” disse minha avó, sentada em sua cadeira de jardim, curtindo o sol, a picareta encostada no galpão por um instante. Olhei maravilhada para a minha avó e entendi que valia a pena prestar atenção nos pássaros. A apresentação deste compêndio dramático depende das possibilidades do espaço teatral. Nele, os pássaros voam como folhas impressas - eles emergem do espaço em forma de criaturas. A transformação é um processo ao mesmo tempo natural e artificial.

PAVÃO ENCARDIDO.

PERSONAGENS

NARRADOR(A)	(ITÁLICO)
PAVÃO	(O PROTAGONISTA)
PARDAL	(O ANTAGONISTA)
APOIO	(OBRIGADA)

LUGAR (NAS PROXIMIDADES DE UMA FLORESA ESCURA) //TEMPO (4 A 5 CIGARROS)

“Viver aos pés das Blue Mountains e todas as manhãs frutas exóticas.”/
“Viver no cu do mundo.”

PAVÃO ENCARDIDO.

Um dia a sua mãe botou o ovo, de onde ele deveria nascer, no meio de uma floresta escura. Ela o botou lá porque não queria mais nenhum filhote. Para ela já tinha dado. Estava farta. Ela imaginava que ele eclodiria ali do ovo e que seria incapaz de se orientar de tanta escuridão e que logo morreria por conta da desorientação. Esse pensamento agradou a pavoa mãe. O filhote, segundo a teoria dela, seria então responsável pela própria morte. Afinal, não se pode cuidar de tudo. E de uma coisa a mãe sabia: temos o direito de botar os ovos numa floresta escura. E ela sabia também: não sentia nenhum amor por ovos assim.

PAVÃO ENCARDIDO -- Tá, se eu fosse me descrever em três palavras, eu diria: sim, primeiramente sujo, afinal não dá para ver as minhas penas brilhantes, elas não se destacam mais porque um dia uma meleca lodacenta caiu nelas e não sai mais. Sim. Depois eu diria que sou honesto. Sim. Então eu ainda diria que definitivamente não sou um criminoso, não importa o que os outros digam. Um tipo correto, sim. Já estive três vezes atrás das grades, mas sempre acabaram me soltando porque eu não boto ovos. Azar. Eles presumem que eu sou um criminoso, que cometí roubo seguido de morte, mas, ai, a porca maldita não queria que eu comesse de seu cocho, eu acabei com ela, porque era um bicho egoísta de merda. Então, do meu ponto de vista isso não é crime. Sim, então ainda sou um bom menino e, como se diz: leal. Ah sim, e eu sou um melancólico. Não sei bem o que é, mas gosto da palavra. Então acho que melancólico é o que eu sou. Pavões encardidos não têm dicionário. Não entregam essas coisas para

um pavão encardido. As pessoas pensam, ei, não dêem o dicionário a esse pavão encardido filho da puta, ele vai deixar o livro todo cagado!

Pardal vem voando.

PARDAL -- Bem, se eu tivesse que me descrever em três palavras, diria: inteligente, bonita(o) e vivaz.

Pardal sai voando.

PAVÃO ENCARDIDO -- O pardal é um imbecil. Se eu tivesse que descrevê-lo em três palavras: sim, simplesmente um imbecil. Então certamente eu diria que ele é um pequeno babaca, um convencido. Sim, e depois eu diria, oh, um babaca com certeza. Outro dia o vi à beira de uma poça. Estava se espelhando ali como ...

APOIO -- Narciso.

PAVÃO ENCARDIDO – Isso mesmo, Narciso. Ai, como aquela flor amarela, ou o quê? Não importa. Em todo caso, o pequeno pardal ficou se espelhando ali por um tempão, cara arrogante. Até que é bonitinho. E por isso ele se acha o máximo. Porque os tipos de sua espécie geralmente não são bonitos. São uns pardais encardidos. Na verdade, eles ficam chafurdando na poça – e não se espelham lá. Nisso ele difere totalmente da sua espécie. Mas eu digo: ele não passa de uma minoria de merda.

Pardal chega voando

PARDAL -- Bom, se eu fosse descrever o Pavão Encardido em três palavras, diria: inveja, inveja, inveja.

Pardal sai voando

PAVÃO ENCARDIDO -- Ele sempre sai logo voando, ai, vocês viram? Sempre ele logo sai voando para longe, esse imbecil.

APOIO -- Não liga pra isso

PAVÃO ENCARDIDO -- Mas você quer o quê.

APOIO -- Bem...

PAVÃO ENCARDIDO -- Vai embora, eu me viro. Mas deixa a sua TV aqui.

APOIO -- Mas eu não tenho TV.

PAVÃO ENCARDIDO -- ai, deixa de conversa. Você a deu para outra pessoa? Pro Pardal, ou o quê?

APOIO -- Não, não dei não. Eu nunca tive TV.

PAVÃO ENCARDIDO -- Então cai fora.

APOIO -- Eu poderia deixar algum consolo pra você.

PAVÃO ENCARDIDO -- Ai, eu te pego.

Era uma manhã fria, o orvalho umedecera as folhas do azeviche e o pequeno pavão saiu do ovo no meio da floresta escura. O frágil filhote lutou desajeitadamente para sair da

casca de ovo quebrada. Ele ergueu seu bico minúsculo, puxou uma asa, depois a outra, e deu os seus primeiros tímidos pius na floresta. Olhou em volta e viu os traços sombrios do mundo em que nasceu. Gavinhos de espinho o cercavam. Acima dele, reconheceu as ripas de uma cerca podre, pregos enferrujados e musgo raiado. Pendurados na cerca, os restos de um ninho podre de cambaxirra. Estava impregnado de umidade bolorenta da floresta, tinha um aspecto preto brilhante e exalava um odor fétido. Devia fazer anos desde que um par de filhotes de cambaxirra eclodiram dentro dele. Numa época em que ainda entrava luz nesta floresta. Pio, fez o pequeno pavão de novo, pio, e tirou os restos das cascas de ovo de seu corpo. Agora ele estava livre, pronto para uma vida cheia de aventuras, foi quando o ninho da cambaxirra acima dele se soltou e caiu batendo em suas penas. Porra, seria a primeira palavra que ele disse. Ele não tinha aprendido com ninguém, não, ele a carregava intuitivamente dentro de si.

PAVÃO ENCARDIDO -- Quando eu penso no passado, ai, um monte de coisas passam pela minha cabeça. Eu deveria ter terminado a escola. Não devia ter comido nenhum dos ovos mexidos que eles fizeram lá na frente com os ovos de tentilhão. Naquela época eu não devia ter roubado as bitucas no mercado Edeka. Coisas assim. Agora vou lhes contar quais são os meus planos, como pretendo encarar o meu futuro. Porque é assim: quando se é um pavão, os outros se enfeitam com tuas penas. Mas para mim não dá, porque afinal sou um pavão encardido. Minhas penas estão cheias de meleca iodacente. Atrás, no canto esquerdo inferior, ainda tem um lugar onde se consegue ver um olho de pavão, ou ao menos imaginar. De resto, sou completamente sem brilho, sem cor e também não consigo me abrir em leque, porque minhas penas estão grudadas umas nas outras. Em todo caso, acontece que mesmo assim eu quero ser alguém, mesmo que os outros não acreditem que eu seja capaz de alguma coisa.

Pardal vem voando.

PARDAL -- Eu não acho que ele ainda vai virar alguém. Já eu sou bem educado e sei aproveitar as oportunidades. Minha mãe fez tudo certo.

O pardal sai voando.

PAVÃO ENCARDIDO -- Não vem falando da minha mãe!

APOIO -- Ele não está falando da sua mãe.

PAVÃO ENCARDIDO -- Ai, esse merdinha. Que sucumba na sua poça.

APOIO -- Não se deve pagar ódio com ódio.

PAVÃO ENCARDIDO -- Quer dizer que ele me odeia ou o quê?

APOIO -- Não, não é isso que eu queria dizer. O que eu acho é que você se sente odiado, é isso que eu quero dizer.

PAVÃO ENCARDIDO -- Ai, você é um desses psicólogos de merda ou o quê?

APOIO -- Não importa, o principal é você aceitar o meu apoio.

PAVÃO ENCARDIDO -- Você tem WiFi?

APOIO -- O quê ?

PAVÃO ENCARDIDO -- Se você tem WiFi, cara, internet.

APOIO -- Por que você quer saber?

PAVÃO ENCARDIDO -- Ai, esquece.

Um vento leve afasta o Apoio.

Pessoal, agora eu vou contar para vocês o que eu pretendo fazer. Como eu disse, ninguém consegue se enfeitar com as minhas penas. Bem, acontece que enfeitar e botar ovos são exatamente o tipo de trabalho que você faz sendo um pavão, certo? Para um pavão fica muito difícil, eu bem posso dizer, se você não pode fazer as duas coisas. Especialmente, essa coisa da decoração é muito ruim se você, sendo pavão, não puder fazer isso. Não dá para fazer nenhum apanhador de sonhos com as minhas penas, simplesmente não rola.

Um vento leve sopra o Apoio de volta.

APOIO -- Que tal se você pensasse em um transplante de penas? Pessoas desfavorecidas podem pedir subsídios.

PAVÃO ENCARDIDO -- Tá falando sério cara?

APOIO -- Por que não?

PAVÃO ENCARDIDO -- Ai, eu sou o que eu sou, seu idiota! Tem que ser possível fazer algo útil mesmo assim.

APOIO -- Não tive a intenção de ofendê-lo.

PAVÃO ENCARDIDO -- Mas aconteceu que ofendeu.

APOIO -- Acontece.

PAVÃO ENCARDIDO -- O quê?

APOIO -- O certo é dizer “acontece”. Acontece que ofendeu.

Pavão Encardido olha para o seu Apoio sem acreditar. A memória traumática do ninho de carriça daquela cerca paira em seu olhar.

PAVÃO ENCARDIDO -- Merda.

Um leve vento afasta o Apoio

Ok, então, querido público, finalmente vou contar a vocês o que pretendo fazer. Vou escrever a minha história de vida. Ainda sou jovem, não é? Mas vocês verão que minha vida tem muito a oferecer. Tudo começou na porra de uma floresta escura. Eu cresci lá. Vocês nem ousariam entrar lá. Se você mandar a fada madrinha lá para catar cogumelos, ela vai voltar com cáries. Vou escrever tudo isso e quero que a história

termine comigo conhecendo minha mãe e a abraçando. Isso nunca aconteceu antes, eu nunca vi minha mãe, mas eu só imagino, ai: estou escrevendo as últimas frases da minha história de vida e de repente ela está parada na minha frente, minha mãe, e aí eu ainda vou poder incluí-la na minha história de vida. De todo jeito, a história da minha vida vai ser um puta best-seller. Mas para isso preciso de internet. Para pesquisar e tal. E para os programas de processamento de texto. E de alguém que possa digitar essa merda para mim.

Pardal vem voando.

PARDAL -- Isso não vai dar certo nunca.

Pardal voa para longe.

Pavão Encardido olha para Pardal se afastando. Não se pode afirmar o que se reflete em seus olhos, se raiva ou tristeza. Então é melhor ficar olhando para o Pardal.

-- Quer que eu faça mais um Looping pra você ver?

FALCÃO NO CONCRETO DA RAZÃO.

PERSONAGENS.

NARRADOR (A)	(ITÁLICO)
FALCÃO	(OBJETO DE MUITAS PERGUNTAS)
ANDORINHA	(HIRONDINA)
FELOSA COMUM	(DO CAMPO)
COTOVIA DO CAMPO	(COTOVIA COMUM)

LUGAR (GALPÃO DE CONCRETO) // TEMPO. (IRRELEVANTE)

As possibilidades da verdade são como balões de hélio transparentes subindo para a atmosfera.

FALCÃO NO CONCRETO DA RAZÃO.

O Falcão vive isolado em um galpão de concreto. O galpão não tem janelas. Uma escotilha automática medindo 20x20 centímetros serve de acesso. Ela só pode ser aberta por dentro, pressionando-se um botão vermelho. Portanto, sempre tem que haver alguém no galpão para que continue existindo um acesso. O alguém neste caso é o Falcão e mais ninguém. Os pássaros que querem entrar no galpão fazem-se notar por uma campainha. O Falcão permite a entrada de todos os hóspedes. O galpão está vazio, exceto por um casulo de vidro no meio do galpão. Ele fica suspenso no espaço e nunca se move. O casulo também está vazio por dentro.

FALCÃO -- Vou buscar os ratos.

Acredita-se que ao longo dos anos de isolamento, o Falcão tenha perdido a vontade própria. Se não fosse assim – é o que se pensa – será que ele não sairia simplesmente voando na primeira oportunidade? Alguns poucos argumentam que ele fica por causa de um senso de responsabilidade que pesa mais que o seu egoísmo. Alguns desses poucos até sustentam a tese de que esse senso de responsabilidade seja muito mais uma convicção interna de dever que o domina como um mandamento filosófico. A tese de que o Falcão tenha sido vítima de um transtorno esquizofrênico que faz com que a saída do galpão de concreto lhe pareça sem sentido ou mesmo faz com que ele nem pense na possibilidade de fuga, tem mais adeptos. Alguns partidários dessa tese acreditam que a esquizofrenia permite um acesso especial à realidade a partir da qual

são gerados conhecimentos que ultrapassam qualitativamente a capacidade de conhecimento de um pássaro de cognição saudável. Eles, portanto, partem do princípio de que o Falcão saiba algo que os outros não estão em condições de saber. Os/as que se opõem a essa suposição contrargumentam que o Falcão teria uma percepção alterada da realidade. No entanto, como anteriormente mencionado, a maioria parte do princípio de que o Falcão tenha perdido sua vontade própria ao longo dos anos, o que se coaduna com uma anormalidade média maior ou menor de sua mente.

Falcão saltita pelo espaço fazendo barulhos

Mas também há aqueles que nem acreditam em vontade.

FALCÃO -- Vou buscar os ratos.

O galpão de concreto está ali em silêncio. Mesmo o casulo de vidro mantém sua aparência inalterada. O tempo passa.

Tocam a campainha. O Falcão pressiona o botão vermelho. A Andorinha do Celeiro entra voando e pousa na frente do casulo de vidro. Enquanto a Andorinha está falando, o Falcão descansa em um canto.

ANDORINHA -- Grande casulo da razão, ouça-me. Na pequenez da minha existência existe um potencial que não posso desenvolver racionalmente e que ainda percebo como potencial. Suspeito que seja uma combinação de bom senso e compaixão. Mas não sei. De vez em quando, tenho pensamentos ou sensações a partir dos quais tento obter conhecimento, mas – passa as asas por sobre a cabeça – mas eles só complicam mais o enigma. Agregam informações à cabeça que um dia vão levar meu cérebro de pássaro a estourar e o líquido fervente que vai jorrar do meu cérebro vai levar a pequenez da minha existência para o vácuo da eternidade. Por que essa vida cheia de adversidades? Por que esse coração cheio de imponderáveis? Por que essa ineludível capacidade de compreensão ?

A Andorinha se afasta do casulo e olha para ele. O casulo não se move. A Andorinha se curva e se move em direção à escotilha. O Falcão pressiona o botão vermelho. A Andorinha de celeiro sai voando pela escotilha.

O galpão de concreto está lá e o tempo passa. O Falcão permanece no chão. A capacidade de voar é irrelevante neste espaço.

O Falcão pula pelo lugar, fazendo barulho.

Uma luz brilha brevemente no casulo de vidro.

Toca a campainha. O Falcão pressiona o botão vermelho. A Felosa do campo entra voando e pousa na frente do casulo de vidro. Enquanto a Felosa fala, o Falcão fica num canto, sem fazer nada.

FELOSA -- Querido casulo da razão , quando minha professora de línguas marcou como um erro a palavra apoio - eu tinha escrito com acento circunflexo no o - pensei pela primeira vez sobre o que realmente significa: apoio. Entendi que apoio é importante. Mas ainda não entendi onde se consegue apoio. Portanto, agora eu pergunto a você, casulo da razão: Onde consigo apoio?

Felosa espera uma reação. Mas ela não vem. Felosa pula em direção à escotilha . O Falcão pressiona o botão vermelho. A escotilha se abre e a Felosa voa para fora.

O galpão de concreto está ali em sua nudez angustiante - ele só parece real devido à sua tridimensionalidade.

O interior do casulo se ilumina intensamente por um instante .

O Falcão pula pela sala, fazendo barulho.

A campainha toca. O Falcão pressiona o botão vermelho. A Cotovia entra voando e pousa na frente do casulo de vidro. Enquanto a Cotovia está falando, o Falcão fica num canto sem fazer nada.

COTOVIA -- Casulo da razão. Quando me dei conta de que a ingenuidade me protegia mais do que o controle, já era tarde demais. Porque a partir daquele momento eu deixei de ser ingênuas.

A Cotovia espera por aprovação ou objeção. Nada acontece. A Cotovia pula em direção à escotilha. O Falcão pressiona o botão. A escotilha se abre e a cotovia sai voando.

Além das considerações sobre a motivação do Falcão para permanecer ocupando o galpão de concreto, outro tópico ganha importância crescente: estariam os impulsos visuais que ocorrem no interior do casulo de vidro sujeitos a um princípio aleatório? Ou deve-se supor que haja uma causalidade entre as ações do Falcão e as ações de dentro do casulo de vidro – então, consequentemente, as ações que acontecem dentro do casulo de vidro devem ser vistas como reações - ou, inversamente, as ações do Falcão devem ser entendidas como reações às ações dentro do casulo de vidro? Ou os impulsos devem ser vistos como reações tardias às questões formuladas pelos pássaros visitantes? Nesse caso, deve-se presumir que o processamento de informações do casulo de vidro é lento, ou as reações devem ser vistas como um atraso deliberado: o casulo retém respostas de seus interrogadores por alguma razão? E se um ato consciente realmente acontecesse, dever-se-ia consequentemente presumir que o casulo de vidro

tem consciência? Além disso, será que os impulsos enviados pelo casulo de vidro não são apenas de natureza visual ou somente perceptíveis visualmente?

A lingüística se interessa especialmente pelo texto do Falcão, para quem ela encontrou o termo comportamento lingüístico monossemântico. Os/as físicos (as), por outro lado, concentram seu interesse nas relações entre o Falcão e os impulsos de luz dentro do casulo de vidro, que eles chamam de eletromagnetismo não térmico. Físicos (as) e psicólogos (as) interdisciplinares consideram os impulsos de luz como ilusões visuais. Este(a)s último(a)s baseiam-se na suposição de que tudo o que é percebido é limitado pelas habilidades cognitivas de quem percebe. O(a)s construtivistas entre ele(a)s referem-se, neste contexto, à sua convicção de que uma percepção objetiva da realidade é impossível. Alguns dele(a)s estão investigando a possibilidade de o Falcão não conseguir ver o casulo de vidro. Além disso, o(a)s construtivistas presumem que tanto dentro do casulo de vidro quanto dentro do galpão de concreto acontecem coisas que até agora não foram descobertas. Todos estão interessados em uma troca comunicativa com o Falcão, o que até o momento ainda não aconteceu.

.campainha toca. O Falcão pressiona o botão vermelho.

Felosa entra voando e pousa na frente do casulo de vidro. Enquanto a Felosa fala, o Falcão fica num canto sem fazer nada.

FELOSA -- Sou eu de novo. Você já pensou na minha pergunta? Não importa se não. Já não me interessa mais. Eu estou matutando algo novo. Eu imaginei o que aconteceria se de repente me acabasse o amor. Isso pode acontecer, não é?

A Felosa olha para o casulo de vidro esperando por uma resposta, depois pula na direção da escotilha. O Falcão pressiona o botão vermelho, a escotilha se abre e a Felosa voa para longe. O galpão de concreto está ali e em silêncio. Pode-se ouvir a circulação do sangue do Falcão e sua respiração subindo e descendo.

A campainha toca. O Falcão pressiona o botão vermelho. A Cotovia voa e pousa na frente do casulo de vidro. Enquanto a Cotovia está falando, o Falcão está em um canto sem fazer nada.

COTOVIA -- Eu amo o horizonte amplo. E eu quero expandí-lo ainda mais. Diga-me, grande casulo da razão, como isso pode ser feito?

Dá para sentir que a Cotovia espera por uma resposta. Mas como ela não recebe nenhuma, ela pula na direção da escotilha. O Falcão pressiona o botão vermelho, a escotilha se abre e a cotovia voa para longe.

O Falcão pula pelo espaço, faz barulhos.

Uma luz azulada pisca no casulo de vidro, tão brevemente que quase não pode ser percebida.

A campainha toca. O Falcão pressiona o botão vermelho. A Cotovia entra voando e pousa na frente do casulo de vidro. Enquanto a Cotovia está falando, o Falcão está num canto, sem fazer nada.

COTOVIA -- Casulo da razão. Eu não acredito em milagres. Mas eu acredito em você. Diga, há uma contradição nisso?

A Cotovia espera um momento e depois pula em direção à escotilha. O Falcão pressiona o botão vermelho, a escotilha se abre e a Cotovia voa para longe. O galpão de concreto está ali em sua opacidade. O Falcão está parado. Ele olha fascinado para a escotilha.

A campainha toca. O Falcão pressiona o botão vermelho. A Felosa voa e pousa na frente do casulo de vidro. Enquanto a Felosa fala, o Falcão fica num canto sem fazer nada.

FELOSA -- Ehhh, sou eu de novo, Felosa. Outro dia estive numa fábrica de vidro soprado. Lá estavam fazendo um monte de bolas de vidro. Também havia algumas em forma de ovo - como você. O soprador de vidro disse que são chamados de elipsóides. Eram super lindas. E então pensei: Coisa doida! Um monte de parentes pequenos seus! Mas aí o soprador de vidro me disse: "Essas são só bolas de vidro. Não estão vivas. E muito menos são sábias." E então de repente um pensamento passou pela minha cabeça: será que você também é apenas um elipsóide feito de vidro?

Felosa espera um momento. O casulo não se move. A Felosa pula em direção à escotilha. O Falcão pressiona o botão vermelho, a escotilha se abre e a Felosa voa para longe.

Surge uma dúvida sobre quem realmente são os/as cientistas que analisam o comportamento do Falcão. Ao final das contas, tirando os pássaros, que apresentam suas preocupações ao casulo de vidro, ninguém entra no galpão de concreto. E os pássaros que acabamos de mencionar, obviamente, não estão interessados no Falcão. Quem se importa com o Falcão, quem?

A campainha toca. O Falcão pressiona o botão vermelho. A Andorinha entra voando e pousa na frente do casulo de vidro. Enquanto a Andorinha está falando, Falcão fica num canto, sem fazer nada.

ANDORINHA – Venerado casulo da razão. Nunca recebi uma resposta sua. Será que estou cometendo um erro? Eu chamo você de casulo da razão. Bem, talvez você não

seja o casulo da razão, afinal? Quem sabe esse galpão de concreto seja um espaço de razão, e você, casulo, é o coração dele? E ...

FALCÃO – Eu vou buscar os ratos

ANDORINHA -- E você, como coração, nunca vai falar comigo, nem vai querer, e nem pode? Dê um sinal.

A Andorinha espera.

O Falcão dá um arroto.

A Andorinha pula em direção à escotilha. O Falcão pressiona o botão vermelho. A escotilha abre e a andorinha sai voando. O casulo estremece em sua pele de vidro. O Falcão bota um ovo.

FLAMINGOS *dance!*

PERSONAGENS

NARRADOR(A)	(ITÁLICO)
MÃE	(ALTO)
CORVO	(FILHO DA MÃE)
FLAMINGO 1	(NO MONITOR)
FLAMINGO 2	(NO MONITOR)

LUGAR. (QUARTO DE CRIANÇA) // TEMPO. (TRÊS NOITES)

"Aplausos, aplausos para o número do monociclo! Qual é o nome do macaco que estava se equilibrando?"

"Mozart".

FLAMINGOS *dance!*

O Corvo está sentado no quarto infantil sobre o tapete, resolvendo um quebra-cabeças. Ouve-se um animal lá fora. Ele late três vezes em intervalos de um minuto. Ele mantém esse ritmo continuamente. Uma máquina de costura faz barulho no apartamento vizinho. A mãe abre a porta do quarto bruscamente.

MÃE -- Mas o que está acontecendo aqui ?! O que é isso? Fala, isso não pode ser verdade, estava tudo bem ontem! Você está louco?! Que pergunta mais idiota, não? Isso era meu, meu amigo, era meu! Quer que eu me comporte como você? Quer?! Isso nem passaria pela minha cabeça! Não não não! Caramba! Você não sabe do que sou capaz! *Ela grunhe.* Hoje já é quarta-feira? É, não é? Oh, não pode ser! Eu marquei uma consulta para você hoje no psicodoutor. Apesar de que com esse seu miolo mole ele provavelmente também não vai conseguir fazer nada. Como é o nome dele mesmo, ...como era... diz logo! Também pouco importa! Você deveria ter lembrado do compromisso! Mas você não lembra! Você não pensa nisso! Você não pensa em nada! Eu sempre me pergunto o que passa na cabeça dessas pessoas com cérebro podre. Mas no seu caso não sei o que fazer. *Ela grunhe*, o que você está olhando? Eu não tenho culpa! *Deixa escapar a poderosa dinâmica de sua raiva*, então ... com você é uma coisa e tanto! E não digo isso no sentido positivo! Você vai ficar em casa bonitinho! *Ela*

arremete novamente. Mamãe vai embora agora. E você, onde você acha que vai ficar? Bem aqui! E vai arrumar tudo direitinho! Estamos entendidos? Entendidos?!

A Mãe sai do quarto, batendo a porta atrás dela. À noite ela vai encher a cara com as amigas. Afinal ela merece. O animal late com interrupções regulares. A máquina de costura faz barulho.

No canto do quarto tem uma vitrine. É enorme, cerca de 150x120x90 cm, e fechada na frente com um painel de acrílico. Flamingo1 e Flamingo2 estão na vitrine. Eles estão empalhados. Parece. Os flamingos podem ser colocados em movimento puxando um botão preso à estrutura da caixa. Eles dão sete piruetas, acompanhados por uma caixa de música. A coisa toda leva um minuto. O Corvo adora a sua vitrine. Todas as noites põe os flamingos para dançar. Seu pai construiu a caixa para ele antes de abandonar a pequena família para voar com um bando de pássaros migratórios para os mares do Sul, de onde ele nunca mais voltou. Para construir a vitrine de flamingos, o pai comprou um freezer quebrado no açougue. Ele construiu um mecanismo de rolo de pino que faz os flamingos dançarem e tocar a caixa de música. Ele forrou as paredes internas com veludo rosa. Ele amava muito seu filho. É o que se pensa.

CORVO -- Senhoras e senhores, entrem! Aproximem-se, aproximem-se, vejam, vejam! Acham que este lugar está morto? Que está tudo quebrado, que nada funciona, que este parque está fechado? Que parou completamente? Oh, eu quero abrir os seus olhos! Eu quero lhes mostrar - um segredo! – Vamos, voem comigo, suivez-moi, senhoras e senhores! Vamos sobrevoar o emaranhado de arbustos, desviamos dos galhos, pegamos uns mosquitos. Aqui e ali, vemos restos enferrujados de carrosséis, outrora magníficos. As gôndolas da roda gigante balançam suavemente ao vento, uma pequena locomotiva está estacionada em um mar de camomilas e mil-folhas. Grinaldas de luzes penduradas nos quiosques abandonados, nenhuma lâmpada acesa, nenhuma única! Ninguém vive mais aqui, tudo está morto! Tudo? Será mesmo que tudo? Vamos adiante! O sol está ardendo sobre nós. Mais adiante há uma sombrinha. Onde a vegetação rasteira se torna mais espessa. Ali se esconde uma pequena lagoa. Só dá para chegar a pé. Vamos deixar nossas asas descansarem. Vamos! Agora estamos entrando mais fundo no matagal. Psiu! Atenção! Não podemos mais fazer barulho, vamos pisar com cuidado, passo a passo. Vamos segurar a respiração. E agora! Psiu! Não vamos assustá-los! Vou puxar os galhos com cuidado e agora estão vendo: Flamingos!

O Corvo gira o comando.

Dancem, Flamingos!

Flamingo1 e Flamingo2 começam a girar ao som da caixa de música. Aqui, onde os pássaros exóticos dançam na lagoinha, você se sente muito longe de qualquer latido e de qualquer chocalho, de qualquer repreensão. Assim que a dança termina e a caixinha de música para de tocar, o Corvo vai dormir. Seus hóspedes imaginários vão para casa sozinhos. O Corvo está dormindo. A máquina de costura faz barulho. O animal late em intervalos regulares.

FLAMINGO1 -- Eu o odeio.

FLAMINGO2 -- Amanhã a gente se livra dele, Jim.

FLAMINGO1 -- Enfim, Jenny. Enfim tudo vai ficar bem.

FLAMINGO2 -- Vamos rezar para que tudo dê certo, Jim.

FLAMINGO1 -- Rezar, é?

FLAMINGO2 -- Bem – vamos simplesmente acreditar com força.

FLAMINGO1 -- Claro que vai funcionar, Jenny.

FLAMINGO2 -- Amanhã vai acontecer: a procissão anual dos flamingos

FLAMINGO1 -- Umas sete dúzias de flamingos vão voar em bando à noite.

FLAMINGO2 -- Mas só amanhã a procissão comemorativa cruzará nossas coordenadas.

FLAMINGO1 -- Se nossos cálculos estiverem corretos.

FLAMINGO2 -- Se a alcançarmos a tempo, ela nos tirará desse ninho cinza.

FLAMINGO1 -- Estaremos livres, Jenny.

FLAMINGO2 -- Amanhã à noite, quando o corvo estiver dormindo, levantamos a placa de acrílico.

FLAMINGO1 -- Saímos da vitrine.

FLAMINGO -- E vamos pé ante pé até a cama dele –

FLAMINGO1 -- Passamos pelos “emaranhado de arbustos” sob o “sol escaldante” –

FLAMINGO2 -- O corvo não faz a mínima ideia do que está sonhando. Ainda acho que devemos levá-lo conosco.

FLAMINGO1 -- Não podemos fazer isso, Jenny. A mãe tem influência sobre ele. Um perigoso potencial incubado no Corvo está amadurecendo.

FLAMINGO2 -- Você está certo, Jim, o risco é muito grande.

FLAMINGO1 -- Então nos esgueiramos até a cama.

FLAMINGO2 -- Vou torcer as asas dele para atrás das costas, amarrá-las, você tampa o bico dele com a rolha, Jim.

FLAMINGO1 -- Então o arrastamos pelo tapete –

FLAMINGO2 -- temos que ter cuidado para não machucá-lo –

FLAMINGO1 -- e o puxamos para dentro da vitrine.

FLAMINGO2 -- Você o coloca na plataforma giratória, conecta-o à mecânica.

FLAMINGO1 -- antes de fecharmos a vitrine com a placa de acrílico,

FLAMINGO2 -- você desamarra suas asas e tira a rolha do bico dele

FLAMINGO1 -- Se ele começar a gritar, eu dou bronca nele, baixinho, mas com firmeza!

FLAMINGO2 -- Tem certeza que sabe o que vai dizer?

FLAMINGO1 -- Posso imitar a mãe dele como se fosse uma gravação de fita de suas repreensões, Jenny.

FLAMINGO2 -- Muito bem, Jim. Quanto maior for a bronca, tanto menos o Corvo vai retrucar.

FLAMINGO1 -- Enquanto eu o mantendo quieto desse jeito, você cuida da mecânica externa.

FLAMINGO2 -- Temos que contar com falhas de construção, mas queremos ter sucesso na instalação do mecanismo perpétuo de rolos de pinos.

FLAMINGO1 -- A música deve tocar sem parar!

FLAMINGO2 -- O Corvo deve girar e girar até que seja liberado!

FLAMINGO1 -- Sua mãe será a primeira a ter uma chance.

FLAMINGO2 -- Enfrentamos a loucura com a loucura.

FLAMINGO1 -- Você tem certeza que consegue acertar a mecânica externa, Jenny?

FLAMINGO2 -- Trabalhamos nisso há anos, Jim.

FLAMINGO1 -- Você fixa a linha resistente no botão giratório e vai procurar a máquina de costura com a outra ponta da linha, e prende a linha na sapatilha de costura..

FLAMINGO2 -- Orientando-me pelo ruído, devo encontrar a máquina bem rápido.

FLAMINGO1 -- Há muito tempo que percebemos que a máquina de costura faz barulho sem parar.

FLAMINGO2 -- Quando ela começou com isso, o animal também começou a latir.

FLAMINGO1 -- Obviamente, existe uma relação causal.

FLAMINGO2 -- Supomos que sim.

FLAMINGO1 -- que o animal late,

FLAMINGO2 -- porque está de luto por uma pessoa próxima a ele,

FLAMINGO1 -- que por sua vez operava a máquina de costura,

FLAMINGO2 -- antes de ela supostamente morrer,

FLAMINGO1 -- em consequência de um ataque cardíaco

FLAMINGO2 -- e agora acione o pedal de costura com o peso de seu corpo morto,

FLAMINGO1 -- de modo que a máquina funcione incessantemente.

FLAMINGO2 -- Nós também vamos supor

FLAMINGO1 -- que o animal sofra de um transtorno dissociativo de identidade,

FLAMINGO2 -- porque não latiu antes de o barulho contínuo da máquina de costura começar,

FLAMINGO1 -- mas miou.

FLAMINGO2 -- Portanto, o animal é um gato.

FLAMINGO1 -- Ele late obsessivamente no mesmo ritmo:

FLAMINGO2 -- Ele late por três segundos

FLAMINGO1 -- faz uma pausa de um minuto,

FLAMINGO2 -- late brevemente,

FLAMINGO1 -- pausa,

FLAMINGO2 -- late brevemente,

FLAMINGO1 -- pausa e assim por diante.

FLAMINGO2 -- Vamos aproveitar esse potencial

FLAMINGO1 --Você vai tentar modificar essa obsessão.

FLAMINGO 2 -- Em vez de latir seu latido, vou ensinar o gato

FLAMINGO1 -- a operar o botão de retorno da linha da máquina de costura em um ritmo contínuo.

FLAMINGO2 -- Existe um ritmo alternado:

FLAMINGO1 -- O mecanismo do rolo de pinos toca a caixa de música por um minuto e faz o corvo girar,

FLAMINGO2 -- o gato pressiona o botão de retorno por exatamente três segundos,

FLAMINGO1 -- segue novamente a música da caixa de música e as piruetas do corvo,

FLAMINGO2 -- em seguida, o botão de retorno,

FLAMINGO 1 -- Caixa de música

FLAMINGO2 -- Botão de retorno

FLAMINGO 1 -- Caixa de música

FLAMINGO2 -- Botão de retorno e assim por diante.

FLAMINGO1 -- Uma reprodução contínua com cesuras –

FLAMINGO2 -- uma máquina delirante de movimento perpétuo.

FLAMINGO1 -- Nada pode dar errado, Jenny.

FLAMINGO2 -- Vai funcionar, Jim. Estou confiante.

FLAMINGO1 -- Quando tudo estiver instalado,

FLAMINGO2 -- nós sumimos.

FLAMINGO1 -- Dancingqueen Jenny!

FLAMINGO2 -- Dancingking Jim!

FLAMINGO1 -- Procissão Pink , minha querida.

FLAMINGO2 -- Procissão Pink.

Chega o dia seguinte, passa, e anoitece novamente. O animal late em seu ritmo. A máquina de costura faz barulho. O Corvo brinca com blocos de construção. Até a Mãe entrar no quarto.

MÃE -- Não pode ser verdade! Aqui ainda está parecendo que explodiu uma bomba!

Uma bomba daquelas! Caos no quarto, caos na cabeça, qual é, meu amigo ?! *Ela grunhe.* Isso não vem da sua mãe! Sabe, não importa realmente que você não tenha ido ao médico especializado em cérebros , porque ele não poderia ter te ajudado de qualquer maneira! E eu tenho que repreender você de novo! Você sabe, eu não quero isso, sua mãe não quer nada disso, mas você está me forçando a fazer isso! Nem precisa olhar para mim desse jeito! Não sei porque você se surpreende por meu pai ter ido embora.

Pausa enfática. Estou falando sério! *Pausa enfática.* Você vai arrumar tudo isso agora, está me entendendo? Estou saindo agora, tenho algo importante para fazer. E você, meu amigo, também tem o que fazer!

A mãe sai do quarto, bate a porta. No bar a cadeira de sempre espera por ela. No bar. O animal late em seu ritmo. A máquina de costura faz barulho. O Corvo está sozinho novamente. Antes de começar a brincar, fica um tempo sentado ali como que petrificado.

CORVO -- Hoje estou em uma missão secreta. Sozinho. O FBI me enviou dados sobre uma rota de expedição perigosa. Tenho a tarefa de rastrear a tribo de flamingos nativos. Vamos negociar um com o outro. Não tenho certeza sobre o que ainda, mas um mensageiro que encontrarei no caminho vai me dizer. A rota da expedição está mandando ir por aqui, pelo meio do mato. Eu me viro com meu facão, ha! Não há problema para o Corvo, o aventureiro! Mosquitos zumbem no ar. O arbusto está ficando mais denso e denso, flores estranhas exalam um perfume encantador! Onde está o mensageiro? Tenho medo de ter que lidar com isso sozinho! Oh! O que é esse rosado aí? Meu Deus, têm que ser: os flamingos!

O Corvo rasteja em direção à vitrine e gira o botão.

Dancem, flamingos!

Depois da dança, o Corvo vai para a cama e adormece imediatamente. Rapidamente, Flamingo1 e Flamingo2 colocam seu plano em ação. Eles provam ser profissionais - tudo corre bem. O Corvo gira na vitrine. A caixa de música está tocando. Interrompida por pausas de três segundos durante as quais a máquina de costura faz barulho. O animal não late. Um sopro de rosa atravessa a noite. As horas do dia seguinte passam. O que será que a mãe está fazendo o tempo todo? Ela deve estar ocupada. Durante a gravidez do corvo, a mãe costumava jogar jogos no computador. Ela não sabia quais botões usar para realizar certos movimentos. Então ela bicava os botões indiscriminadamente como uma louca, pic pic pic pic pic.. E assim ela matava a maioria de seus oponentes. Mas também tropeçava em vários barrancos, abismos, poços de lava com seus heróis/heroínas de computador epilépticos (as) inquiet(as). Por isso quase todos os jogos acabavam num instante. As almas dos heróis/heroínas do computador que a mãe tem na consciência passam por sua cabeça como pequenas bruxas. A noite seguinte cai. A mãe abre a porta e entra no quarto do corvo

MÃE -- O que significa esse barulho aqui de novo! Que inferno! E você ainda não arrumou! É de enlouquecer, me diga, como você imagina isso, hein ?! O que fiz para merecer isso, o que foi que eu fiz para merecer?! Se eu pudesse ter só essa resposta! Mas você –

Quando a Mãe se vira, ela vê o Corvo mudo na vitrine. Ele está dando sua sétima pirueta antes de outra pausa de três segundos que o aguarda. A caixa de música está tocando.

O CHAPIM DO BREJO

PERSONAGENS

NARRADOR(A))	(ITÁLICO)
CHAPIM COMUM	(♂)
CHAPIM AZUL	(♂)
CHAPIM DO PASTO	(♂)
CHAPIM DO BREJO	(†)

LUGAR. (BERLIM → BR'LO → PÂNTANO, LAMAÇAL) // DURAÇÃO/TEMPO. (DEPOIS QUE A ESPÉCIE HUMANA SE EXTINGUIU)

E seus bicos parecem pontas cinzas de grafite, como se tivessem atravessado um lápis pela cabeça.

O CHAPIM DO DO BREJO.

E todos eles cheiram a lavanda.

CHAPIM COMUM -- Porque os homens são o sexo mais bonito.

CHAPIMAZUL -- É, é assim.

CHAPIMDO PASTO -- É, é assim.

CHAPIM AZUL -- É como é, como já foi e como sempre será.

CHAPIM DO PASTO -- Chapins não mudam.

E todos voam para o ácer vermelho e se sentam em um galho que se sobressai.

CHAPIM COMUM -- Se bem me lembro, tudo começou com Veronico não querendo mais raspar as pernas magras. Cresceu nele uma sensação que lembrava uma queimadura de congelamento, lascas cristalinas de gelo que se que se misturavam com as coisas que a gente aprendeu a desejar. Veronico aceitou essa sensação - em vez devê-la como prejudicial, a entendeu como um momento de mudança. Como se tivessem queimado as roupas de Veronico, ele deu um pulo repentino e tomou seu destino nas mãos. E o desprezo pela depilação das pernas foi o primeiro ato, por assim dizer, o ato

de abertura com o qual Veronico quis submeter sua personalidade a um teste e, acima de tudo, soltar sua personalidade, como ele mesmo disse, do espartilho que a sociedade apertou em torno de sua cintura.

CHAPIM AZUL -- Ah sim, lembro bem do dia em que apareceu na minha porta com a perna sem depilar. Veronico, o chapim do brejo.

CHAPIM DO PASTO -- Eu também ainda posso ver, como se tivesse acabado de acontecer, como se ele tivesse acabado de aparecer na nossa frente para nos apresentar o novo projeto de sua personalidade.

CHAPIM COMUM -- Ele sabia bem que deixar de depilar a perna significava apenas um aceno na direção que ele acreditava estar certa e que ele queria viabilizar, para si mesmo e para todos os outros machos que queriam se livrar da masculinidade - como resquícios mortos da metamorfose.

CHAPIM AZUL -- A liberdade foi o ajudante que faltava a Veronico em sua revolucionária transformação. Ele a procurou em todos os lugares e finalmente a descobriu quando parou para descansar nas margens de areia úmida das Águas Incógnitas. Veronico reconheceu sua liberdade na margem oposta. Ela acenou para ele de forma promissora. Veronico queria conquistar sua liberdade, não importava as condições que ela impusesse a ele.

CHAPIM DO PASTO -- Mas para isso ele teve que cruzar as Águas Incógnitas. Aquele que se atrevesse poderia se considerar corajoso. Porque as Águas Incógnitas estavam traiçoeiramente paradas, enquanto as tempestades rugiam no alto, tornando impossível o vôo até a outra margem.

CHAPIM COMUM -- Ele teve que cruzá-la a nado, a água escura, e ninguém sabia o quanto profundo era o seu fundo.

CHAPIM AZUL -- Veronico estava disposto a se arriscar.

CHAPIM DO PASTO -- Tirou as sandálias de couro e logo pôs o pé direito nas Águas Incógnitas que ainda o separavam de sua liberdade.

CHAPIM COMUM -- Também vejo Veronico parado na margem e os juncos emoldurando sua figura. Os caules longos e delgados dos juncos invadem seu retrato, ao mesmo tempo ameaçadores e protetores, eles se inclinam para frente, quase alcançando Veronico, enquanto ele, de modo enérgico, mas ligeiro, ou ligeiro, mas energicamente, estava parado na margem, mergulhando a perna não depilada na água fria.

CHAPIM AZUL -- Sim, ele o mergulhou o pé, mas rapidamente voltou a puxá-lo para fora. Ele sabia que precisava estar bem preparado, que precisava se armar contra os monstros que se escondiam nas profundezas da água.

CHAPIM DO PASTO -- Ele teria que chegar são e salvo do outro lado.

CHAPIM AZUL -- Porque o que estava em jogo era a liberdade. Que ele dizia ser a liberdade de todos.

CHAPIM COMUM -- Ele tirou o pé da água fria, tirou o pé e prometeu que iria se preparar primeiro para o caminho que queria seguir.

E todos sentiram o sopro de um vento desconhecido.

CHAPIM COMUM -- Veronico era um escritor, um ensaísta. Era muito hábil com as palavras, mas parecia que essa habilidade não bastava para ele, como se a palavra não significasse ação para ele, como se a palavra fosse apenas uma roupa de proteção com a qual a gente ousava se aventurar em terrenos com risco de vida, nos quais não se podia fazer nada.

CHAPIM DO PASTO -- Ele sentia que não tinha nada a ver com os corvos que pintavam as unhas dos pés. Tampouco se sentia à vontade perto das galinhas de Guiné, que tinham as orelhas furadas, e o balé dos grandes mergulhões de crista o entendia.

CHAPIM AZUL -- Veronico não percebeu que eles também não precisavam de sua proximidade, já que eram uma espécie completamente diferente.

CHAPIM COMUM -- Veronico não se deu conta disto.

CHAPIM DO PASTO -- Veronico entrou furtivamente no pântano para pegar seu cetro, que brilhava dourado entre as samambaias e os musgos de turfa, tentador e desafiador como a espada de Artur:

CHAPIM COMUM -- A calêndula do pântano.

CHAPIM DO PASTO -- Ele arrancou a flor e ergueu-a pelo caule, as pétalas amarelas da cabeça brilhavam esplendidamente.

CHAPIM AZUL -- E ele ergueu o calêndula do pântano e gritou: não levantem os seus seios para o mundo feminino! O seu peito deve ser unicamente a prova da sua autoconfiança!

CHAPIM COMUM -- E então ele vagou pelo campo, irradiando algo mágico.

CHAPIM AZUL -- Irradiando algo mágico .

CHAPIM DO PASTO -- Algo cintilava nele.

CHAPIM AZUL -- Veronico, Veronico, queremos participar! Não é justo você suportar o fardo sozinho! Nós gritávamos para ele.

CHAPIM COMUM Sim, gritávamos.

CHAPIM DO PASTO -- Essas foram as nossas palavras.

CHAPIM COMUM -- Com certeza foram essas.

E os choupos prateados estalavam como papel fino.

E assim fomos com ele, acompanhando-o até a margem das Águas Incógnitas.

CHAPIM AZUL -- Desde o início, tive a sensação de que a calêndula do pântano de Veronico exalava um cheiro peculiar.

CHAPIM DO PASTO -- Oh sim, aquele cheiro estava no meu nariz também. O cheiro da desgraça desabrochando.

CHAPIM DO PASTO – Oh, e como estava realmente a autoconfiança de Veronico?

CHAPIM AZUL – O desespero, o desespero, um primo malvado da liberdade, alcançou Veronico várias vezes. Interceptou-o no caminho, cuidava de sua agenda.

CHAPIM COMUM -- Quando Veronico escrevia, ele costumava sentar ao lado dele e lhe dar gotas amargas.

CHAPIM DO PASTO -- Mas Veronico sempre aguentou firme

CHAPIM AZUL -- Não queria reconhecer que o desespero era um forte adversário.

CHAPIM COMUM -- O desespero que, quando toma conta, não nos deixa opção a não ser reconhecê-lo.

CHAPIM DO PASTO -- E ele não estava em nosso encalço também?

CHAPIM AZUL -- Mas nós acompanhamos Veronico e deixamos que ele segurasse sua flor. Quando chegamos à água, Veronico olhou para nossos delicados corpos de pássaro, viu que nossas pernas estavam raspadas e nossos seios estavam em forma e falou conosco em um tom calmo.

CHAPIM AZUL -- E sim, em um tom calmo.

CHAPIM COMUM – Mas, na verdade dava para sentir que havia algo de cortante em seu tom. CHAPIM AZUL -- Verdade, havia algo de cortante em seu tom.

CHAPIM DO PASTO – Cortou a compostura ao meio .

CHAPIM AZUL -- Seu tom parecia quase uma advertência.

CHAPIM COMUM – A mim também pareceu como uma advertência.

CHAPIM DO PASTO -- Ah sim, dá para chamar de advertência.

CHAPIM AZUL – Ele queria saber se havíamos pensado sobre por que estávamos lutando.

CHAPIM COMUM – Só ir sendo levado pelos outros não tinha valor. Deixar-se levar pelos outros é pior do que discordar.

CHAPIM AZUL – Ele disse algo assim.

CHAPIM DO PASTO – Devíamos saber bem o que queríamos. E não poderíamos defender uma nova imagem de chapim se permanecêssemos apegados à antiga.

CHAPIM COMUM -- E havia aquele tom de advertência em sua voz!

CHAPIM AZUL -- Ele não estava gostando do nosso comportamento!

CHAPIM COMUN -- Não, não estava gostando!

CHAPIM DO PASTO – E então nós ...

CHAPIM COMUM – Aí nós ...

CHAPIM AZUL – E nós só...

CHAPIM DO PASTO – Não conte tudo!

CHAPIM AZUL -- E nós só queríamos

CHAPIM DO PASTO -- Nós só queríamos ajudá-lo!

CHAPIM COMUM -- Queríamos apoiá-lo!

CHAPIM DO PASTO – Tirar as felpas de sua cabeça!

CHAPIM COMUM – Transformar os castelos de ar em nuvens comuns!

CHAPIM DO PASTO – Soltar as amarras que ele colocou em volta dos pés como grilhões!

CHAPIM AZUL -- E queríamos trazê-lo: à razão!

CHAPIM COMUM – À razão!!

CHAPIM DO PASTO – À razão!

E todos inspiraram uma vez fazendo barulho e depois expiraram silenciosamente .

CHAPIM AZUL Nós, os machos, somos o sexo mais bonito.

CHAPIM COMUM -- Sempre foi assim.

CHAPIM DO PASTO -- Sempre.

CHAPIM COMUM -- Não podemos dissecar nosso papel em pedaços.

CHAPIM DO PASTO -- E depois voltar a compô-lo de acordo com nossos desejos.

CHAPIM AZUL -- Não podemos fazer isso!

CHAPIM DO PASTO -- Não podemos fazer isso de jeito nenhum!

CHAPIM AZUL – Não queremos nos desfazer de nossa masculinidade. Quem seríamos nós !?

CHAPIM COMUM -- Lutamos pela cópula e é assim que deve ser. Não queremos colocar nossa espécie em perigo. Só permitimos transformações em caso de força maior.

E o galho do ácer vermelho balança depois que eles saem dele.

CHAPIM DO PASTO -- Veronico passou dos limites

CHAPIM AZUL -- Não sabíamos sequer se ele ainda fazia parte da nossa espécie.

CHAPIM COMUM -- Ele não queria ser ajudado.

CHAPIM DO PASTO -- E assim ficamos onde estávamos.

CHAPIM AZUL -- E o deixamos sozinho para cruzar as Águas Incógnitas.

E todos pousaram na areia úmida da margem.

Agora Veronico nos deixou.

CHAPIM DO PASTO -- Ele perdeu a luta.

CHAPIM COMUM -- Ele colocou sua perna não barbeada nas Águas Incógnitas.

CHAPIM AZUL -- Ele entrou pé ante pé

CHAPIM DO PASTO Até que a água ficasse mais funda a seus pés.

CHAPIM AZUL -- E cada vez mais funda.

CHAPIM COMUM -- Então ele nadou.

CHAPIM DO PASTO – Nadou em direção à tão desejada costa.

CHAPIM AZUL -- Enquanto nadava, a água o empurrou suavemente em direção à sua liberdade.

CHAPIM COMUM -- Veronico, o Chapim-do-brejo.

CHAPIM AZUL -- Veronico.

CHAPIM DO PASTO -- Veronico.

CHAPIM COMUM -- Os ventos rugiam por cima dele..

CHAPIM DO PASTO As nuvens pesavam cinzas e pretas.

CHAPIM COMUM -- Um estrondo passou por elas.
CHAPIM DO PASTO – Mas embaixo a água estava parada.
CHAPIM AZUL -- Veronico nadou.
CHAPIM COMUM -- Nadou.
CHAPIM DO PASTO -- Até que de repente ocorreu algo.
CHAPIM AZUL – Vimos direitinho da margem!
CHAPIM COMUM -- Sim, ele já havia chegado ao meio da água quando começou a afundar !
CHAPIM DO PASTO – Batia descontroladamente na água com suas penas!
CHAPIM AZUL— enquanto afundava!
CHAPIM DO PASTO -- como ele se debatia!
CHAPIM COMUM -- batia as penas!
CHAPIM AZUL -- gritava!
CHAPIM DO PASTO -- como ele gritava!
CHAPIM COMUM -- esperneava e gritava bem alto, bem forte!
CHAPIM DO PASTO -- Até afundar de vez.
CHAPIM AZUL-- Seu pequeno pulmão de pássaro se encheu de água.
CHAPIM DO PASTO – De água escura.
CHAPIM COMUM – De água das Águas Incógnitas.
CHAPIM DO PASTO -- Que puxavam Veronico como areia movediça.
CHAPIM COMUM -- Como se um abismo tivesse se aberto no fundo das Águas Incógnitas.
CHAPIM AZUL-- Logo não dava mais para ver nada de Veronico.
CHAPIM DO PASTO -- Apenas alguns círculos se formaram na superfície da água.
CHAPIM AZUL -- Do ponto em que havia afundado.
CHAPIM COMUM – E se estenderam em direção às margens.
CHAPIM AZUL – A todas as margens ao redor.
CHAPIM COMUM -- As sandálias de Veronico estavam entre os juncos.
CHAPIM DO PASTO -- Ele as havia tirado antes de entrar na água.
E seus olhos estão opacos.
O espírito de Veronico agora nada pelo lago.
CHAPIM AZUL -- Livre de todos os fardos.
CHAPIM COMUM -- Livre de toda a carga.
CHAPIM DO PASTO -- Livre da luta que lutou e que tirou sua vida.
CHAPIM AZUL -- Veronico, o Chapim do Brejo, que descanse em paz.

E todos voaram para longe.

CHAPIM DO BREJO † -- O espírito do meu avô era como um armário cheio de roupas rasgadas.

Quando meus pais não tinham tempo para mim, era ele que tomava conta de mim. Sua respiração propagava-se densa pela sala. Seu olhar era vazio como um túnel abandonado. Quando eu ia para a casa dele e ele me contava histórias de antigamente – elas significavam tanto para ele que ele quase não as suportava -- eu me sentia como se tivesse sido capturado em uma fotografia em preto e branco. E tudo cheirava a lavanda.

E as Águas Incógnitas estão lá.

A PERUA.

PERSONAGENS

NARRADOR(A)	(ITÁLICO)
PERUA	(UMA PEQUENA ETERNIDADE)
GALINHA	(UMA AMIGA)
GALO	(UM AMIGO)

LUGAR (PAISAGEM MONTANHOSA) // TEMPO (20 ANOS DE INCUBAÇÃO)

*Às vezes o imperfeito é o tempo do desejo.
O infeliz condicional com todas as suas metafonias*

A PERUA.

PERUA -- Vou abrir um centro de energia. Com vocês e para vocês, canalizarei a energia de que precisamos na Nova Era. Estou fazendo os últimos preparativos. Há semanas venho me livrando das influências do mundo exterior, purificando-me de infiltrações, apagando crenças com que tentavam lavar meu cérebro. Estou liberando o que estava entre parênteses, recuperando o meu espírito, meu corpo, minha alma. É incrível o caos energético que esse processo cria em mim. Ele me mostra como somos fortemente dependentes de instâncias de exploração psicológica e de ganância material, e como é difícil para nós sentirmos nossa própria liberdade. Mas sou capaz de ordenar esse caos, já sinto que a força e a veracidade estão voltando ao meu interior. Nesse processo de purificação, não aceito nada que venha de fora, apenas sigo os caminhos do meu instinto. Eu só posso purificar vocês depois de ter me purificado. Para isso estou entrando em contato com o mundo espiritual. Eu me entrego a um Deus que vocês não podem conhecer porque ele é apenas responsável pelo divino em mim. Eu fui escolhida, a luz sagrada se reflete em mim e estou disposta a compartilhá-la com vocês, para alimentá-los com a minha clarividência, se vocês quiserem se abrir e receber o que eu posso dar. Confiem em mim e em seu benefício eu vou me livrar do peso imaterial da sabedoria. Eu estou livre. Eu sou eterna.

683.722 curtiram 9.308 comentários 71.098 compartilhamentos

Em uma colina havia uma cabana feita de tábuas de madeira e pregos, que já tinha visto tempos melhores. Acima de sua entrada, onde as tábuas se fechavam no topo do telhado, havia um porco pendurado, vermelho-salmão, que estava desligado. O porco era de acrílico e funcionava a bateria, o que permitia que brilhasse. Mas sua bateria acabara. Há meses. Há anos.

GALINHA -- Uau! E quando você pode se mudar pra cá?

PERUA -- Imediatamente. É por isso que chamei vocês. Preciso de sua ajuda na restauração.

GALINHA -- Galo temos tempo?

GALO -- Sim, temos tempo, Galinha.

A primeira coisa que fizeram foi ceifar os caules que cresciam ao redor da cabana. Para isso todos receberam uma foice. Eles cortaram e ceifaram até que o mato fosse removido da cabana e apenas aqui e ali uma bonita flor centária ainda adornava a madeira podre. O feno era cortado formando gavelas para que pudesse secar e ser usado como enchimento nos seus seus travesseiros.

PERUA -- Agora vamos estabilizar as paredes!

GALO -- Eu vi madeira cortada perto do rio. Sobrou da construção da casa do castor. Deve ser boa porque o castor conhece essas coisas.

GALINHA -- Ótimo, vamos lá pegar!

PERUA -- Não, Galo, não, Galinha, não vamos fazer isso. Tenho uma ideia melhor.

GALO -- O que pode ser melhor do que a madeira do castor?

PERUA -- Algo incrível. Você não pensaria nisso sozinho.

GALINHA -- Conta, conta!

PERUA -- Como você sabe, minha intuição me trouxe a esta cabana. Por mais inteligente que um corretor de imóveis fosse, ele não conseguiria vender esta propriedade porque diriam a ele: Sr. Corretor Imobiliário, este imóvel foi abandonado por todos os bons espíritos. Os custos de restauração superam o preço de compra! Mas eu senti que havia boa energia nesta cabana e no terreno em que ela se encontra. E por isso digo o contrário: esta cabana pode estar deteriorada, mas os bons espíritos vivem nela!

GALINHA -- Legal!

GALO -- Mas, Perua, o que isso tem a ver com consertar as paredes?

GALINHA -- O que diz sua intuição?

PERUA -- Eu costumo levar a minha intuição para as minhas aulas. Essas aulas são autodidatas. Significa que eu me submeto a ela de forma totalmente autônoma. As

aulas acontecem numa loja que vende todo tipo de coisas coloridas para melhorar a alma. Ali há uma variedade de pedras semipreciosas e fico perguntando a minha intuição se ela pode me indicar a pedra certa. A pedra que pode me ajudar, não importa que pergunta eu queira esclarecer, que necessidade eu queira satisfazer, que sentimento eu queira apoiar.

GALO -- E aí o seu sentimento -

GALINHA -- Sua intuição!

GALO – Sua intuição foi atraída por uma pedra semipreciosa com a qual você agora quer decorar a cabana?

GALINHA -- Que chique, uma cabana de pedras semipreciosas!

PERUA -- Sim, é exatamente isso. Minha escolha intuitiva recaiu sobre uma pedra muito especial. Fiquei enfeitiçada por seu brilho fosco de seda. A estrutura de sua superfície, sua tonalidade furta-cor cinza-amarelo. Tirei uma pena, é assim que sempre faço, e arranhei a pedra com a ponta da pena.

GALINHA Por quê?

PERUA -- Para determinar sua dureza. A dureza da pedra me ajuda a conhecer melhor a minha intuição.

GALINHA -- Por quê?

PERUA -- Porque eu tenho que saber com o que estou lidando. De qualquer forma, minha escolha recaiu sobre a serpentinite!

GALINHA -- Serpentinite!

GALO -- Serpentinite! É uma pedra semipreciosa?

PERUA -- Um componente da serpentinite é a crisotila - é isso que torna a pedra tão bonita.

GALO -- Crisotila! Mas o que é uma pedra semipreciosa?

PERUA -- E com isso, Galo e Galinha, vamos fortalecer e embelezar minha cabana.

GALO -- Mas é material de construção certificado?

PERUA -- Como não? Você só confia no castor e em sua experiência roída?

GALO -- Bem, o trabalho dele nunca falhou.

PERUA -- Mas ele sempre tem que voltar a fazer de novo e de novo. A casa do castor só dura um tempo, mas a minha, Galo, a minha casa de serpentinite vai durar para sempre! E gostaria de mencionar que a minha intuição foi comprovada. Depois que eu já tinha me decidido pela serpentinite, perguntei ao vendedor sobre as propriedades da pedra preciosa, e ele disse que pelo que sabia ela já era apreciada na Grécia antiga por sua alta resistência ao calor e ao fogo!

GALO -- O castor deveria ouvir isso! Ele ia ficar surpreso. Também estou animado, Perua.

GALINHA -- Vamos construir a cabana de pedras preciosas!

E assim eles adquiriram grandes quantidades de serpentinite. O Galo cortou a pedra em blocos do tamanho de tijolos com uma serra de diamante. O galinha misturou a

argamassa e cobriu os tijolos com ela. E a Perua colocou os tijolos de serpentinite um em cima do outro, peça por peça, até que a cabana estivesse totalmente revestida. O pó fino produzido durante o corte da pedra se depositou na plumagem da Galinha, do Galo e da Perua, e fazia cócegas em seus bicos.

GALINHA canta -- Quem quer ver artesãos aplicados –
PERU-- Chega, Galinha, deixa de ser ridícula. Não somos crianças.

E assim eles trabalharam em silêncio até que a obra estivesse concluída

GALINHA -- Legal! Como a sua cabana está brilhante, Perua!
PERUA -- Sim, demais.
GALO – Agora eu preciso descansar. Todo esse trabalho me deixou sem fôlego.
PERUA – Calma, Galo, porque ainda falta uma coisa. Antes de me mudar para a minha cabana, o porco luminoso deve ser substituído.
GALO – Uma bateria nova não resolveria o caso?
PERUA – Não, não resolveria. Porque um porco não deve nos iluminar. Somos aves e não queremos nos confundir com suínos.

A Perua levou seus dois assistentes a um mercado próximo, onde se vendia todo tipo de equipamentos elétricos. Numa banca ela comprou uma letra luminosa amarela. Era um P. Em outra banca, ela comprou um E vermelho e um R vermelho e, finalmente, comprou um U e um A rosa, e ficou feliz por ter feito uma compra bem-sucedida. Todas as letras brilhavam perfeitamente, e ela até conseguiu pechinchar e comprar o E por um preço bem barato.

GALINHA: Podemos comprar um sorvete com o dinheiro que sobrou!
PERUA -- Não, Galinha, o dinheiro restante será guardado para tempos difíceis.
GALO -- Eu gostaria de descansar.
PERUA -- Vamos colocar as letras luminosas primeiro. Então haverá tempo suficiente para descansar. Me dêem uma mão!

Apoiaram uma escada instável na cabana. A Galinha foi quem melhor se equilibrava nela e por isso ficou de juntar as letras. Cinco cabos pendiam das letras. O Galo os conectou a uma fonte próxima de energia elétrica, e logo as luzes em amarelo, vermelho e rosa brilharam acima da cabana, formando a palavra: "PERUA".

GALINHA Uau!
PERUA -- Sim, ficou bom. Muito bonito.
GALO – Vamos entrar?

PERUA -- Não, Galo. Os bons espíritos querem se acomodar primeiro. Nós podemos deitar um pouco na relva para relaxar.

GALO – Está bem.

GALINHA -- Nossa, estou exausta! Ai, mas aqui a grama está pinicando porque foi cortada. Peru, será que mais tarde podemos pegar um feixe de feno para os nossos travesseiros?

PERUA – Galinha, ele tem que secar primeiro.

GALINHA – Ah, tá bom.

GALO – Olha, Galinha, as nuvens estão formando uma imagem. Está parecendo uma marreta.

GALINHA -- É mesmo, Galo, isso parece mesmo uma marreta! Com certeza!

GALO – Está batendo forte em alguma coisa!

GALINHA -- Uau, pau!

PERUA -- Quanta fantasia.

GALINHA -- Peru, as suas penas voltam a crescer?

PERUA -- Do que você está falando?

GALINHA -- Uai, das suas penas! Que você fica arrancando. Elas voltam a crescer?

PERUA – *intrigada* Hmm. Não faço ideia.

Galo e Galinha roncam.

PERUA -- Acorda, Galo, acorda Galinha! Agora me deixem sozinha. Eu quero arrumar a minha cabana.

GALINHA -- Não vamos sair para comer juntos?

PERUA -- Não tenho tempo para isso, Galinha. Agora quero ver como é por dentro.

GALO -- Você ao menos tem algumas palavras sábias para nos dizer antes de partirmos?

PERUA -- É uma época inquietante que não te ajuda muito a encontrar o seu caminho. Lembre-se do espírito que você deseja seguir.

GALO -- Obrigado.

PERUA – Não há de quê.

Perderam o contato. O Galo e a Galinha viviam suas vidas felizes e a Peruia dedicava-se ao seu trabalho energético. Assim os anos foram passando. Até que um dia a Galinha se queixou de uma tosse seca e falta de ar, e o Galo estava com os mesmos sintomas. No caso dele ainda havia um catarro viscoso. Eles procuraram um médico, que lhes disse que eles tinham asbestose. Juntos, analisaram a situação na consulta e chegaram à conclusão que só podia ser por causa da crisotila contida na serpentinite. O Galo e a Galinha foram logo procurar a Peruia para deixá-la a par.

GALINHA -- Perua, Perua, você está em casa? Somos nós, Galo e Galinha. Há quanto tempo! Podemos entrar

PERUA -- O que vocês querem?

GALO -- Temos que falar com você! A respeito dos trabalhos da reforma.

PERUA -- Mas isso foi há muito tempo.

GALO -- Ah, mas infelizmente isso ainda não prescreveu!

PERUA -- Galo e Galinha, vocês não conseguem ler o que está escrito em cima da cabana?

GALINHA -- Perua!

PERUA -- Correto. Vocês são peruas?

GALINHA -- Não.

Passado algum tempo a Perua tinha chamado sua comitiva de perus. A cabana tinha um brilho opaco. As centáureas que antes floresciam ao redor dela, haviam sumido. De dentro podia-se ouvir a Perua conversando com os perus de sua comitiva.

PERUA -- A Nova Era chegou. E o mundo tenta nos impor uma ilusão. Perus, ouçam-me: o que os médicos dizem, não dizem para ajudá-los. Eles querem manipular vocês, ou eles próprios são manipulados e continuam a espalhar o que foi inoculado neles. Mas sejamos fortes enquanto unidade contra tudo o que quer nos prejudicar! Seus corpos não foram afetados, no máximo a sua consciência - mas vocês não devem permitir que isso aconteça! Demonstrem a sua autoconfiança! Livrem-se do erro! Câncer é apenas uma palavra, meus perus, câncer é apenas uma palavra. E estamos felizes em ver que a doença não passa de um trabalho de engenharia do nosso cérebro!

Mas o câncer foi mais forte do que o pensamento. E assim matou a todos. A poeira fina que se desprendia da cabana de serpentinite era amianto. As paredes que os animais ergueram em volta eram cancerígenas, e as partículas minúsculas de amianto flutuavam dentro da cabana. Agora a cabana está vazia novamente. As letras luminosas continuam a ser alimentadas pela fonte de energia externa e, portanto, as letras P, E, R, U e A vão continuar piscando enquanto não aparecer ninguém para desligá-las.

GALINHA -- Será que vamos sarar da nossa asbestose, Galo?

GALO -- Eu não sei, Galinha. Venha, vamos até o rio tomar um pouco de ar fresco.

GALINHA -- Ah sim, isso vai nos fazer bem! Posso jogar no seu Gameboy?

GALO -- Mas é claro.

E nuvens apareceram no céu de maneira simbólica.

COLHA O TENTILHÃO.

PERSONAGENS.

NARRADOR (A)	(ITÁLICO)
DISPOSIÇÃO DO DIA	(PROTAGONISTA)
ACESSO PAVIMENTADO	(RESIDÊNCIA HABITUAL / Segurança Social Alemão SGB
NARCISO	(O QUE AGORA FLORESCE LINDAMENTE LOGO SERÁ PISOTEADO)
VEGETAÇÃO NOS VÃOS DO PAVIMENTO: L.ACTUCA SERRIOLA	(ALFACE-BRAVA)
G.ERANIUM ROBERTIANUM	(BICO-FEDIDO-DE-CEGONHA)
B.RYUM ARGENTEUM	(MUSGO PRATEADO)
T. RIFOLIUM REPENS	(TREVO-BRANCO)
TULIPA	(NÃO PARTICIPA ATIVAMENTE DA CONVERSA , REPRODUZIDA EM CENA , CRESCE EM OUTRO LUGAR)
TENTILHÃO	(https://www.deutsche-vogelstimmen.de/buchfink/)
GATO	(NECESSIDADE OU INSTINTO NATURAL)

LUGAR (ABRIL) //TEMPO (ABRIL)// AÇÃO (ABRIL)

*Vovô sempre diz:
Temporal em maio é sinal que abril acabou*

COLHA O TENTILHÃO.

Yeah! O sol lança sua luz brilhante da manhã sobre todo o material orgânico que finalmente voltou a brotar da terra! Veja os narcisos, como seu amarelo brilha como veneno ao sol, daqui a cinco, seis, sete minutos e nuvens sombrias lançarão uma sombra sobre os narcisos. Também sobre a tulipa lá atrás, que corajosamente apresenta seu vermelho gritante - o granizo irá esmagá-la. A vida dessas flores está sujeita a uma instância imprevisível: a Disposição do Dia de abril. Olha! Ali na frente! Bem ali, para onde o meu dedo está apontando, dá paravê-la pela janela do quarto! A osição do Dia! Ela tira o roupão e abre o guarda-roupa, passa de um pé para o outro, morde o lábio inferior até sangrar, simplesmente não consegue decidir que roupa vestir: será que está a fim de aguaceiros fortes, de temperaturas de verão, de tomar o primeiro sorvete da temporada ou deixar a melancolia tomar conta no velho sofá que ficou desgastado durante todo o inverno? Como que guiada pela mão de um estranho, a Disposição do Dia escolhe uma roupa - e ela gosta dela! Não, mas não, um descontentamento se impõe, ela suspira, suspira novamente e finalmente agradece a mão aparentemente estranha, a tirania de seu subconsciente, por ter tomado uma decisão. Mesmo que ela já saiba: hoje ela ainda mudará de ideia várias vezes. Mas agora a Disposição do Dia começa a trabalhar, mas não, espera, se, é, se fosse assim tão fácil! Porque: com o que você começa, o que precisa ser feito? A Disposição do Dia suspeita disso: enquanto se dedicava ao projeto A, estava pensando no projeto B e vice-versa - e em qual passaria mais tempo? Entre A e B - na extensão da inconstância. E o projeto C, sim, teria valido muito a pena - mas ela não teria pensado em C de forma alguma. A Disposição do Dia se olha no espelho: droga, do que era mesmo que eu devia cuidar?! Está na ponta da língua, mas dali não sai; em vez disso, penetra no tecido e se difunde no cosmos da Disposição do Dia. Seja lá como for, ela pensa, balança a cabeça, então primeiro farei um pouco de fotossíntese.

ACESSO PAVIMENTADO -- Você viu a Disposição do Dia?

NARCISO -- Está lá dentro. Fuçando no Facebook.

ACESSO PAVIMENTADO -- Olha só, ela está se permitindo um minuto.

NARCISO -- Ela faz isso o tempo todo.

ACESSO PAVIMENTADO -- Sei. Então, o tempo está explicado: céu encoberto, garoa ocasional.

NARCISO -- I hate it.

ACESSO PAVIMENTADO -- Sim, é desagradável. Um clima que avança no tempo totalmente fora de controle. Sempre tenho a sensação de que algo está saindo do lugar por entre os vãos.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM REPENS – É assim mesmo. Não temos culpa que germinamos debaixo do seu pavimento. Pelo menos você tem vãos. Os vãos são nossa única chance de sobrevivência.

ACESSO PAVIMENTADO – Vai chegar o dia em que ela também vai arrancar vocês. Vocês são ervas daninhas.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM REPENS -- O termo está completamente desatualizado. Ele nos cataloga como inferiores e faz parte de um aglomerado de normas anti-solidárias.

ACESSO PAVIMENTADO -- Só estou dizendo como é. Procurem um lugar melhor para viver. Bryum Argenteum, você é adaptável, cresça no gramado! Tão bom ficar ao sol!

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM REPENS – Sem dúvida somos versáteis! Mas não é esta a questão. Eles vão continuar desclassificando a gente como ervas daninhas.

ACESSO PAVIMENTADO -- Bem, mas não tornem as coisas ainda mais difíceis para vocês, não cresçam entre os meus paralelepípedos!

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM REPENS -- Você não entendeu: nossa adaptabilidade nos permite crescer aqui também. Bryum Argenteum em particular é cosmopolita. A natureza é mais forte do que qualquer artefato.

NARCISO -- Concordo.

ACESSO PAVIMENTADO – Opa, opa, opa sou granito, não cimento.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM REPENS – É mesmo? Desculpa. Mas seja como for, eles acham que você é completamente normal. Mas nós somos depreciadas como ervas daninhas, e queremos que parem com isso!

GERANIUM ROBERTIANUM – Eu até sou remédio.

LACTUCA SERRIOLA – É mesmo?

GERANIUM ROBERTIANUM -- Sim. Na forma de tintura.

LACTUCA SERRIOLAI – Eu também sou remédio.

GERANIUM ROBERTIANUM -- É?

LACTUCA SERRIOLA— Sim. Um pouco de óleo de girassol, alguns rabanetes, e eu no meio disso tudo.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM REPENS -- Para nós não se trata de onde vivemos, mas sim de nossos direitos sociais!

ACESSO PAVIMENTADO -- Você pode conversar com a Disposição do Dia sobre isso.

Faça referência à proibição de desfavorecimento, § 33c do Código de Segurança Social I:

ao reivindicar direitos sociais, ninguém pode ser desfavorecido em razão de raça, origem étnica ou deficiência.

NARCISO -- Não acredito que a Disposição do Dia esteja a fim de se ocupar disso. Bem, é o que eu acho. Eu também não teria o mínimo saco para isso.

Vejam só! A cobertura de nuvens se desfaz, deixando um grande pedaço de/do céu a vista - em forma e cor, lembra uma pêra delgada que foi recortada em/de papel azul celeste com uma tesoura zigue-zague. Cai uma luz suave. O Narciso em particular se beneficia disso. Também a Tulipa, em torno da qual se reuniu um conjunto de Jacintos de pérolas - veja o espetáculo: Les fleurs penchent leurs têtes! A alegria dança de forma mágica, um melro pula, bica aqui e ali até encontrar o que procura, primeiro bica com cuidado, e cada vez com mais energia, na grama nova, até arrancar uma minhoca vermelha, esmaga sua cabeça com o bico amarelo - seu corpo vacilante se estica, se estica, fica tenso, quase se rasga em dois, mas, ufa!, o melro consegue arrancá-la inteira, para engolí-la com a garganta aberta. Um pouco de sangue fica grudado em suas penas pretas, mas por sorte não podevê-lo, porque isso só causaria confusão e levantaria a questão: será que minhocas sangram? E alguém teria que voltar a pensar nessa questão, e quem deveria ser: neste instável abril? Neste mês há falta de pessoal. Essa é a hipótese comum, que não é bem fundamentada, mas se baseia apenas na constatação de que a Disposição do Dia dá a impressão de estar completamente sobrecarregada em seu campo de atividade. O que ela está fazendo agora? Ah: ela está pendurando roupa. No Jardim. Bom. Não! Espere um minuto, mas que ideia! Quem é que com esse tempo penduraria roupas fora? A Disposição do Dia faz uma pausa. Perdida em pensamentos, observa as meias coloridas no varal - que preguiça, pendurar essas peças uma por uma! Então ela se abaixa até o gramado para acariciar a cabeça do melro que está olhando para ela de baixo pra cima.

NARCISO -- Olha, a Disposição do Dia, está pendurando roupa. O top amarelo é incrível.

ACESSO PAVIMENTADO -- Por que ela está fazendo isso agora? Não devia estar preenchendo a declaração de imposto de renda? Bem, claro, pendurar a roupa também é preciso.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM
REPENS -- Está procrastinando.

NARCISO -- Achei que vocês diriam isso quando ela estivesse no Facebook.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM

REPENS -- Sim. Nós também diríamos. A Disposição do Dia de abril, cuja característica mais característica é sua heterogeneidade intrassubjetiva, segue uma estrutura causal complexa em que a distração é substituída ou desviada por outra distração.

NARCISO -- Ela está segurando uma tesoura de podar?

ACESSO PAVIMENTADO -- Sim, está.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM

REPENS -- Sim.

NARCISO -- Legal.

ACESSO PAVIMENTADO -- Você não tem medo da lâmina afiada?

NARCISO -- Muito pelo contrário.

ACESSO PAVIMENTADO -- Como é ?

Cai uma pétala da Tulipa. Rodopia, levada por uma pequena rajada de vento, e, em seguida, cai no gramado, onde provavelmente apodrecerá. Todos olham para a tulipa.

NARCISO -- Um corte significa um novo começo.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM

REPENS -- Você só quer brilhar no quarto dela! Em um jarro curvo! Na sua mesinha de cabeceira!

NARCISO -- E vocês? Vocês só estão com inveja do meu posto.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM, TRIFOLIUM

REPENS -- Não! Nossa natureza é competitiva!

NARCISO -- Deeply impressed.

GERANIUM ROBERTIANUM -- No mínimo eu sou tão bonita quanto você. E eu sou rosa!

NARCISO -- Você é gay.

Olha só! A Disposição do Dia calçou as luvas de jardinagem - sim! Agora ela está se pondo a trabalhar. Equipada com algumas ferramentas e um balde cor de laranja, a Disposição do Dia vem do galpão de ferramentas, marchando pelo gramado, até o nível do acesso pavimentado, se ajoelha e começa a tirar dos vãos todas as plantinhas verdes que tinham se espremido para fora. Obstinadamente ela enfia a ferramenta pontuda nos vãos estreitos e corta todas folhas e caules. Poderia se pensar que ela está cumprindo uma tarefa que alguém impôs a ela, uma tarefa que parece absurda para ela - e ainda assim, esse trabalho parece servir como uma válvula de escape para suas emoções recaladas. Mas será que a remoção furiosa de ervas daninhas é o método mais certo? Será que ela tampouco alcança as raízes de suas emoções, assim como não alcança as raízes das plantas da sociedade de vãos dos paralelepípedos? Ela raspa energicamente entre as pedras de granito com a ponta da ferramenta.

DISPOSIÇÃO DO DIA -- Vão voltar a crescer de todo jeito.

Sim, por que então ela está se dando ao trabalho? Perguntas e mais perguntas, e as respostas permanecem vagas. Reparem! Nuvens azul-escuras se aglomeram como uma abóbada sobre o gramado, só que: ela não vai protegê-lo da chuva, não, os fios de água cairão sobre ele acompanhados de trovões e relâmpagos! A Disposição do Dia se

levanta, sua cabeça cai para trás, deixa escapar o riso histérico e então faz a chuva cair regiamente – ela sabe: depois vem a dor de cabeça.

ACESSO PAVIMENTADO – Nossa, isso agora foi um pé d'água e tanto!

NARCISO -- Ele quase destruiu a minha coroa!

ACESSO PAVIMENTADO -- Ainda bem que aqui você está um pouco protegido.

Diferentemente da Tulipa, que está bem no meio do gramado!

NARCISO -- A Tulipa adora correr riscos.

ACESSO PAVIMENTADO -- Afinal o que a Disposição do Dia está fazendo?

NARCISO -- Tomando sol. Procrastinando de novo, ou o que você acha?

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM -- Não sabemos.

Achamos que ela está pensando. O que também não deixa de ser uma forma de trabalho.

ACESSO PAVIMENTADO -- Então agora vocês podem falar com ela sobre as ervas-daninhas. Se ela estiver mesmo pensando, certamente terá algo significativo a dizer.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM -- Ao menos nós três podíamos tentar.

ACESSO PAVIMENTADO -- E quanto ao Trifolium repens?

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM – Por ora, foi arrancado.

ACESSO PAVIMENTADO -- Aiaiaiai.

Uma nuvem cinza cobre o querido sol.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM -- Ah não! Agora ela caiu em letargia! Aí, podemos esquecer. Agora ela não vai mesmo falar conosco.

Tentilhão chega voando, fica pulando sobre o Acesso Pavimentado .

NARCISO -- Sinto que logo vai garoar de novo.

ACESSO PAVIMENTADO -- Vamos esperar até que maio se encarregue do assunto e reorganize tudo de maneira adequada.

LACTUCA SERRIOLA, GERANIUM ROBERTIANUM, BRYUM ARGENTEUM -- Mas sabemos: onde há ordem, pode surgir o caos. Ano que vem abril vai voltar.

Chilrear de Tentilhão. Ele tem o dom da sabedoria e todo mundo escuta -- se ao menos, se ao menos entendessemos a sua língua. A Disposição do Dia deveria estar traduzindo, mas dá para imaginar que ela esteja ocupada completando uma das muitas atividades que iniciou.

ACESSO PAVIMENTADO -- Alguém entendeu o que ele disse ?

O Gato pula, pega o Tentilhão, morde seu pescoço, come-o.

Gato!

O gato também come a cabeça do Narciso, engasga, vomita.

ACESSO PAVIMENTADO – Eca...

GATO – Estou lambendo o meu pelo.

POMBA BRANCA.

PERSONAGENS.

NARRADOR(A))	(O ITÁLICO)
POMBA BRANCA	(PROTAGONISTA)

LUGAR . (CAMPING) // TEMPO. (VERÃO)

Quando o colar se rompe, cada pérola procura um nicho no qual possa desaparecer para sempre.

POMBA BRANCA

A Pomba Branca vive em um camping cheio de sol, cheio de gente e cheio de sucessos musicais das paradas de décadas passadas. Ela observa a agitação imóvel dos (das) campistas, ou olha para dentro de si, bem no fundo, onde florescem os sonhos que a deslocam da dura realidade. Dependendo se a percepção sensual se volta para dentro ou para fora, a música passa por uma transformação, muda do pop para árias barrocas, e faz vibrar com seu timbre os canais auditivos da pomba.

POMBA BRANCA – Eu sonho com árias elaboradas. Haendel, Vivaldi, Telemann, Bach, Scarlatti. Sonho com coloraturas cuja pretensão me faz cócegas nos ouvidos. Sonho com o pó branco que salta das penas da cantora a cada movimento brusco, com o batom vermelho que os homens também usam, com cenários de varandas floridas, fontes e cabeças de cavalo de cerâmica branca. Sonho com o barroco. E eu me pergunto, por que tenho que estar aqui. Estou tão fora de lugar como um banho de espuma em piscina infantil. Existem tantas coisas que podem ser substituídas e transformadas, como a mobília, o habitat, até o corpo. Por que não o tempo? Por que o tempo tem que continuar tiquetaqueando obstinadamente, deixando o inverno cair rigorosamente sobre o brilhante outono, sempre arrancando, ignorante, a etiqueta de modernidade das coisas que declara estarem desatualizadas e colando-a em outras coisas que lhe parecem contemporâneas? Por quê? Esta pergunta sempre volta a me atormentar e eu sempre volto a perceber que eu tolero como uma criança teimosa que reconhece que tem que enfrentar o tempo chuvoso com botas de borracha, mesmo que preferiria pular nua num mundo que nos umedece com gotas de água cristalina vinda de cima - então como essa criança turrona, reconheço que a culpa não é do tempo, mas que somos nós que não podemos deixar de nos perder nele; o tempo que nos permite olhar para trás e para frente, que nos permite inspirar e expirar - e somente a impaciência declara essa banalidade profana.

O cheiro de batata frita, protetor solar e cerveja velha condensa o ar do acampamento em um mingau gasoso, ao qual uma brisa faria bem. Mas o vento não sopra aqui, onde o verão caiu em um buraco do tempo que se solta como um balão das garras da vida cotidiana.

Entra dia sai dia, eu vejo os acampados deitados descaradamente em espreguiçadeiras listradas brancas e vermelhas ou brancas e azuis, cochilando sob seus óculos escuros e bebendo limonada de canudinho ou, melhor ainda, cerveja sem canudinho, que se permitem beber o mais tardar a partir do meio-dia - e dentro deles, lá no fundo, há um vampiro para quem a bebida é sangue e o sangue é vida, uma vida que é alimentada por um gerador parasita. E eu sento na calha de chuva e os observo. Observo, sem deixar de admirar o quanto fluí para dentro deles, quanto sol, quanta cerveja, quanta gordura das batatas fritas crocantes, que eles mergulham na maionese purulenta. Fico impressionada que seja possível esse mais, com o espaço que eles têm para aquilo que na verdade já é demais. Seus corpos incham visivelmente, isso eu posso observar. Às vezes eu vôo para baixo para bicar um pedaço de batata frita que sobrou. E então fico com vergonha. E aí fico letárgica. E aí eu rastejo para o lado de uma sombra - e aí acontece algo que eu sempre só sou capaz de entender depois: a vergonha que se abate sobre mim e o recuo defensivo para a sombra, para a sombra de um arbusto, a sombra de um peitoril de janela, ou preferencialmente para a sombra de uma lata de lixo, recuo esse que faz com que os meus sonhos se imponham em mim.

É como se meu sentimento de culpa não pudesse encontrar outra saída senão escapar da realidade. Não demora muito e começo a cochilar, agachada entre lençóis de papel usados, pontas de cigarro e embalagens de sorvete e, no meio de um enxame de vespas e varejeiras, uma camareira coloca um colar de pérolas opalinas em volta do meu pescoço e me ajuda a vestir um robe a la Française que cobre todo o meu corpo com sedas e me torna socialmente apresentável. E da sala ao lado, de um lugar cheio de doces tentações, uma voz cantante me alcança: "minha alma ouve ao ver, minha alma ouve ao ver, que tudo grita, tudo ri para exaltar o Criador", acompanhada de um cravo e de um violino. Eu mesma me movo a passos largos em direção à vida plena, as portas duplas são abertas e entro no salão de baile, um bufê está servido, uvas, tábua de frios, batatas fumegantes com raiz-forte ou endro, vinho, tinto e branco, rosé também. E o salão se enche, o arrulhar se transforma em uma risada alegre, quase não há sussurros, antes um barulho de risadinhas, danças, leques se abrindo e um tenor emerge entre os pilares, canta a plenos pulmões, canta

Bach, "esmagam-me, vossas rochas e vossas colinas, o céu lança-me vossas vigas!", As uvas estouram nas vinhas, no teto sempre são esculpidos novos ornamentos, "que imprudente, que pecaminoso, que presunçoso" vamos apreciar a deliciosa magia, que é proibida no salão, "Eu o esqueci, ó Jesus,!" e a culpa se perde na confusão da volúpia. "sim, vou logo pegar as asas do amanhecer, assim meu severo juiz novamente vem me buscar." O vermute rega os sentidos, "Oh, caiam a seus pés em lágrimas amargas!"

Agora alguns não podem mais continuar, mas continuam mesmo assim, porque parar não faz sentido, porque parar não resultaria em nada de novo. O descontrole há muito se tornou uma palavra estrangeira nesses círculos. Só quando o cantor do salão vizinho toca uma nota mais suave, "dove sei, amato bene?", a companhia é tomada de calma, "vieni, l'alma a consolar!", que não é necessário forçar, não, que se abre em seu interior como a rosa de Jericó, que ao ser regada passa por uma metamorfose.

E eu tenho a impressão de me ser permitido vivenciar as quatro estações em uma só noite. E além disso vivenciei essas estações em um espaço protegido em que nenhum clima se emancipa.

O sol está brilhando. Se você segurasse um sorvete no ar, ele derreteria como manteiga em uma frigideira quente. A Pomba Branca mergulhou seu olhar neste clarão. Ninguém ousaria cutucá-la neste estado. Seria de se temer que um ataque cardíaco a libertasse repentinamente de sua vida. Por fim, é "Rhythm is a Dancer", uma batida eletrônica que a acorda, interrompe sua migração para a imaginação e a arrasta de volta para a sombra da lata de lixo.

E com certeza sempre chega o fim da temporada. Todo ano ele chega sorrateiramente, e ainda assim pega de surpresa congelante o local do camping. Os acampados torcem seus maiôs uma última vez, colocam as mãos nos quadris volumosos e suspiram - e então desmontam as tendas. E aí eles entram em seus carros e vão embora. Depois chega o inverno. Flores de gelo sobem pelas janelas da cabana da recepção. Não há mais ninguém ali. E os corvos vêm, mandam seus graxnidos para o ar frio, e quando me encontram, olham para a minha plumagem branca e depois para os meus olhos, sem desprezo, sem espanto, sem medo, não, com uma expressão que eu não consigo interpretar. Eles olham para mim com uma certa calma, que às vezes se mistura com um pouco de tristeza, embora eles me deixem para trás, na calha de chuva ou no parapeito da janela em que estou sentada, batendo asas animados e com altos graxnidos. Eu os sigo com o olhar e penso nos olhares com que me contemplam, até que eu caia numa sensação de vazio que é como o cinza do céu. No inverno nunca sonho com o barroco.